

SCHWINGEL, Carla. **Ciberjornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2012.

Gibran Luis Lachowski¹

A profusão das mídias digitais na contemporaneidade, também relativa ao processo jornalístico, corresponde ao processo de convergência tecnológica, estudado por Jenkins (2008), que a considera envolto num modo de conceber e lidar com a realidade, centralizado na *internet* e balizado pela constante interpenetração de arranjos e dispositivos tecnológicos.

Essa ambiência permeia os mais diversos campos, entre eles o político, o econômico, o comportamental, o social e o cultural, e os orienta sob os princípios da cibercultura, que ajusta a convivência do real com o virtual (atualizando-o), caracterizando-se no ciberespaço, sobretudo, pela autonomia produtiva e a coprodução de saberes, não mais central².

É nesse contexto que o livro “Ciberjornalismo”, de Carla Schwingel, insere-se na discussão acerca do jornalismo feito na *internet*, nomeado vastamente, conforme sua matriz tecnológica ou meio de atuação, como eletrônico, digital, ciber, *on line*, *web*, entre outros. Uma das qualidades da obra concerne à sua atualidade, proporcionando condições de fazer um apanhado acerca das características do ciberjornalismo acrescido de apontamentos de análise própria, garantindo tom analítico-autoral.

É o que se vê, por exemplo, no capítulo 3, que apresenta as características do jornalismo feito na rede, oito ao todo, quais sejam, a multimídia, a hipertextualidade, a interatividade, a memória, a personalização, a atualização contínua, a flexibilização do limite espaço-tempo e o uso de ferramentas automatizadas. A quantia de elementos característicos supera várias obras anteriores, das quais se porta enquanto tributária, concentradas, sobremaneira, nas quatro ou seis primeiras.

Schwingel, jornalista e doutora em Ciberjornalismo, dedica boa parte da obra a vislumbrar um modelo de arquitetura da informação no ciberespaço calcado num sistema de gerenciamento de conteúdo capaz de organizar procedimentos profissionais em patamar de perspectiva, quanto ao que será publicado, contudo, também de tempo real, no que diz

¹ Graduado em Comunicação Social (habilitação Jornalismo) e mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)\campus de Cuiabá. Professor do curso de Comunicação Social (habilitação Jornalismo) da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)\campus de Alto Araguaia e integrante do grupo de pesquisa “Comunicação, Cultura e Sociedade”, linha “Jornalismo, Sociedade e Política”, da mesma instituição. E-mail: prof.gibranluis@gmail.com

² LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

respeito às ações da equipe de redação. A autora divide o processo jornalístico em três etapas, a saber, o de apuração, o de produção e o de circulação, melhor delineados nos capítulos 4, 5 e 6.

O primeiro refere-se ao trabalho de montagem de pauta e à apuração. O seguinte, à composição, edição e disponibilização. O terceiro, à distribuição para diferentes plataformas midiáticas (*tablet*, *smartphone*, computador, rádio, TV, jornal, revista). Esse modelo de trabalho, fundado na íntima relação entre sistema de gerenciamento de conteúdo, software especializado em busca e organização de base de dados e intensa inter-relação com usuários via redes virtuais sociais (como *facebook* e *twitter*), constituem o que Schwingel chama de dinâmicas de trabalho de quarta geração do jornalismo na *internet*, algo visto em pequena parcela dos *sites* e portais no Brasil.

Recorda-se, conforme Palácios³, que as três gerações anteriores foram, por ordem evolutiva, a transpositiva (de reprodução de conteúdo impresso para o meio virtual), a metafórica (primeiras iniciativas de produções adaptadas) e a caracteriza pela elaboração de material original para o ciberespaço. Entretanto, aponta a pesquisadora, é possível ver as quatro fases do jornalismo digital espalhadas de modo não-linear pelo país.

O modelo ciberjornalístico de Schwingel, de quarta geração, valoriza dois procedimentos, que estão presentes ou subentendidos durante todo o trâmite da concepção e confecção das peças noticiosas: a pauta e a composição. A primeira pressupõe o desenho do roteiro da matéria prevista, janela a janela, numa dimensão multimidiática.

Pode ser constantemente alimentada com informações, num sistema de gerenciamento capaz de incorporar contribuições dos diversos membros da equipe de redação, com a indicação de fontes ou o acréscimo de documentos, declarações, apontamentos e análises à apuração jornalística, feita na redação (por telefone ou mineração de dados, via busca inteligente) e/ou “na rua”. Nessa sistemática, a pauta também se liga à etapa de circulação, daí pensar-se, desde o início, no potencial multimidiático do assunto a ser coberto.

³ PALÁCIOS, Marcos. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória. In: **Modelos de Jornalismo Digital**. Orgs. Marcos Palácios e Elias Machado. Salvador: Edições GJOL. Calandra, 2003. (Coleção Pixel; 1)

Já a composição incorpora os procedimentos de redação – subentendendo esquemas como o da “pirâmide deitada”⁴ (Canavilhas, 2007) e o da “notícia-diamante”⁵ (Bradshaw, 2007), baseadas nas características do meio virtual e na mescla de rede virtual social, *blog* e *site*\portal – e de inserção de multimídia, memória e hipertextualidade ao material, com colocação de *links* associados ao assunto, fotografias, áudios, vídeos, animações e infográficos.

Ressalta-se, ainda, em “Ciberjornalismo”, a densidade teórica, bem aplicada à ao jornalismo na *internet*, que compreende referência em obras voltadas à história das mídias, convergência tecnológica, ensino do jornalismo, teorias do jornalismo, cibercultura, ativismo na rede, conceito de notícia, rotinas produtivas e redação jornalística.

Entretanto, pontua-se, sentiu-se falta de uma atenção maior ao procedimento de apuração, vez que, na ambiência da convergência tecnológica, esta etapa do fazer noticioso está sendo praticamente esquecida. Invoca-se excessivamente as melhorias possibilitadas pela velocidade do tempo *on line* e da disponibilização digital, porém isto é feito, geralmente, dissociado, dos meios de levantamento de informações, cada vez mais fixados dentro dos escritórios das empresas jornalísticas e, por consequência, menos em contato com as pessoas, situações, ocorrências.

Como assinalam antigos jornalistas e pesquisadores da área, assim como parcela das novas gerações de profissionais de redação e da academia, a apuração é crucial para o resultado de qualquer pauta. Deve-se, então, estimular ao máximo a atuação para além das paredes das sedes das firmas noticiosas, a fim de garantir mais palpabilidade e humanismo ao projetado e obtido.

De modo mais basilar, o levantamento de informações em campo tem relação íntima com a construção histórica do jornalismo de concepção social, fundamentado na busca da verdade no relato dos fatos, na abertura de espaço para se ouvir vozes múltiplas, na exposição e promoção de assuntos de interesse público, no exercício da crítica e da autocrítica individuais e coletivas.

⁴ CANAVILHAS, João. **Webnotícia. Propuesta de Modelo Periodístico para la Web**. Covilhã: Livros LabCom, 2007.

⁵ BRADSHAW, Paul. **A model for the 21st century newsroom: pt1 – the news diamond**. Online Journalism Blog: 2007. Disponível em: <<http://paulbradshaw.wpengine.com/2007/09/17/a-model-for-the-21st-century-newsroom-pt1-the-news-diamond/>>. Acesso em: 20 de setembro de 2013.